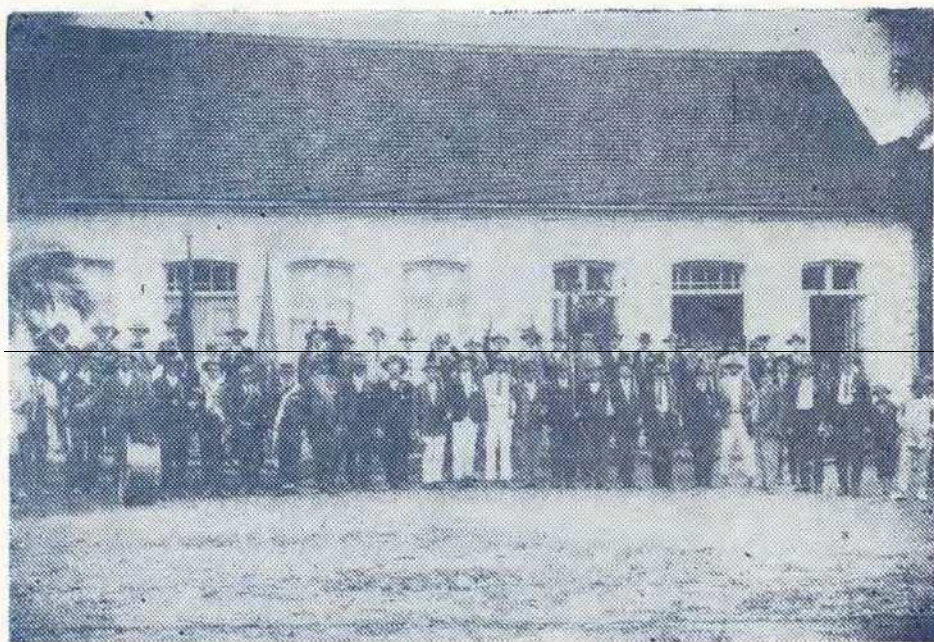


BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XXI — No. 5
Maio de 1980

CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio
Casa Flamingo Ltda.
Casa de Móveis Rossmark S. A.
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Germer Industrial S. A. — Timbó
Imobiliária «D L» Ltda.
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
João Felix Hauer - Curitiba
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda.-Itoupava Seca - Blumenau
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXI

Maio de 1980

Nº 5

S U M Á R I O

Página

| | |
|---|-----|
| VOCÊ SABIA? | 122 |
| A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA: | 124 |
| 100 ANOS DEPOIS | 128 |
| GUSTAVO KRIEGER | 130 |
| JORNAL DO PIAUI COMENTA CONTISTAS DE BLUMENAU . . | 132 |
| GUSTAV WALTER BUECKMANN | 133 |
| SUBSÍDIOS HISTÓRICOS | 135 |
| ACONTECEU... Abril de 1980 | 137 |
| O RIO CAMPEÃO | 139 |
| II — “UM POR TODOS, TODOS POR UM” | 142 |
| NESTOR SEARA HEUSI, | 145 |
| A OPINIÃO DOS QUE NOS VISITAM | 149 |

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 120,00

Número avulso Cr\$ 10,00 -- Atrasado Cr\$ 20,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 120,00 mais o porte Cr\$ 130,00 total Cr\$ 250,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

CAPA — Uma das mais antigas fotos da primitiva sede social do C.S.R.C.T. Garcia Jordão, que neste mês de maio festejou seu centenário. (Texto à pág. 131)

Você Sabia?...

Por Frederico Kilian

Que, segundo o Relatório do Dr. Blumenau, referente ao ano de 1855, . . . “chegaram à colônia, no referido ano, alguns artifices que ainda lhe faltavam, como um mecânico-serralheiro, um caldeireiro, dois carpinteiros de carro e arados e um seleiro, de maneira que para completar o número de artifices e das oficinas mais necessários a uma florescente povoação, só tem falta de um oleiro de louça e de um funileiro, visto que dois colonos, atualmente, estão ocupados em estabelecerem engenhos para espremer azeite . . . Comuniquei, pois, ao meu agente na Alemanha sobre o engajamento, sobretudo do referido oleiro de louça . . .

*

Que a atual rua 15 de Novembro, no início da colonização era somente conhecida como Rua Principal (Hauptstrasse) passando depois a ter a denominação de Rua Itajahi; a atual Alameda Barão do Rio Branco, conhecida por muito tempo como Rua do Imperador (“Kaiserstrasse”) teve seu nome mudado para rua 7 de janeiro, a rua das Palmeiras (“Palmenallee”) denominada Alameda Wendeburg, mudou esse nome para 15 de Dezembro e depois para Duque de Caxias, que ainda conserva e a Rua do Hospital, hoje Rua Itajaí, chamou-se rua 13 de Maio?

*

Que a 22 de Fevereiro de 1885 foi lançada a pedra fundamental do edifício destinado ao pensionato do Colégio São Paulo — (atual Colégio Santo Antônio desta cidade) fundado pelo Padre Jacobs, primeiro vigário de Blumenau e que no documento incluído na referida pedra constava destinar-se o prédio ao Pensionato Central para Ensino Elementar e Superior, do qual foi fundador o vigário José Maria Jacobs e seus auxiliares os professores Srs. João Pies, Hugo José von Garnfeld, Germano von Kopy e Francisco Demmer?

*

Que a 10 de Fevereiro de 1890 o termo judiciário de Blumenau foi elevado à categoria de Comarca?

*

Que a 13 de Março de 1912 foi sancionada, pelo Superintendente de Blumenau, a lei que elevou à categoria de distrito de paz as vilas de Bela Aliança (hoje Rio do Sul) e Hammônia (hoje Ibirama)?

*

Que a “Culturverein” a “Sociedade de Cultura”, fundada a 19 de

julho de 1863, realisava reuniões regulares cada mês, nas quais eram debatidos problemas da cultura racional e aproveitamento dos produtos agro-pecuários, bem como os das experiências próprias de cada um dos sócios e distribuídos, gratuitamente, sementes e mudas e que na 4ª reunião, realizada a 8 de novembro, além das conferências realizadas sobre o plantio e adubação do tabaco e a cultura de plantas bulbosas, foram distribuídas, para experiências, sementes de feijão de várias qualidades, entre estas as de feijão de manteiga, tupim, olho-de-pombo, carrapato, caboclo, mouro, garombé, quari, tupim carioca, favas de lastro e outras, a onze colonos que se obrigaram a experimentar estes tipos de feijão e relatar sobre o seu crescimento e seu rendimento, numa das próximas reuniões?

*

Que o sobrenome dos descendentes das famílias de Joseph Sesterhen e Pedro José Sesterhen, que foram do número dos primeiros colonizadores de São Pedro de Alcântara que se mudaram para o Vale do Itajaí, sofrendo transformações na pronúncia popular, passou a ser chamado Sestrem?

*

Que esta transformação de sobrenome não é coisa rara, pois um cidadão, morador da localidade de Pedra de Amolar, no litoral, cujo avô foi um dos primeiros moradores do Braço do Sul do Luiz Alves, de nome Johann Zimmermann, teve seu sobrenome mudado e chamava-se João Simas?

*

Que em 1855 o comandante da polícia da Província de Santa Catarina percebia Cr\$ 40,00 por mês de ordenado, mais 10 Cr\$ de gratificação e 40 centavos diários para forragem de sua montaria. O segundo comandante ganhava 30 cruzeiros por mês, primeiro sargento Cr\$ 25,00, o segundo sargento 22, o furriel 20, os cabis 18, os corneteiros 18 e os soldados 17 cruzeiros mensais. Como se vê, um soldado ganhava pouco mais da metade do que ganhava o segundo comandante.

*

Que o 32º Batalhão de Caçadores, criado a 23 de Janeiro de 1939, chegou a Blumenau, sob o comando do então major, Nilo Guerreiro Lima, em abril de 1939 e que esta unidade militar mais tarde foi transformada em Regimento de Infantaria, tomando o número 23, vem desde que aqui chegou prestando inestimáveis serviços a Blumenau e à Nação, sendo, para nosso orgulho, conhecida como a modelar "Sentinela do Vale"?

*

Que o Hospital Santa Isabel, tendo sua origem num quarto, com dois leitos apenas, no próprio colégio das Irmãs da Divina Providência, passou a ocupar depois pequeno prédio com capacidade para 15 a 20 doentes, sendo inaugurado em 4 de outubro de 1909?

*

Que no dia 13 de Setembro de 1958 reiniciou suas atividades ?

Grupo de Escoteiros de Blumenau, na antiga sede do Clube Caça e Tiro, no bairro Bom Retiro, sob a orientação do engenheiro Gerd Leyen, antigo escoteiro, e que a iniciativa da reorganização desta agremiação juvenil se deve ao Lions Clube de Blumenau?

*

Que a 8 de novembro de 1958 ocorreu pavoroso incêndio no prédio da Prefeitura municipal, destruindo a parte onde se encontrava o fórum da comarca, sofrendo vários cartórios irreparáveis prejuízos, sendo destruído também a biblioteca forense "Dr. Amadeu Luz" e todo o arquivo histórico de Blumenau, inclusive o livro do "Registro de Imigrantes" e outros documentos como também os filmes do centenário de Blumenau e grande número do "Livro do Centenário"?

*

Que a 16 de janeiro de 1959, em homenagem justa e merecida, foi entregue ao Dr. Marcílio João da Silva Medeiros, que então exercia o cargo de Juiz de Direito da 1ª Vara desta Comarca, pelo presidente da Câmara Municipal, o título de "Cidadão Blumenauense"?

*

Que em março de 1959 os lavradores de mandioca iniciaram uma greve, exigindo aumento do preço e que não concordando com a exigência dos lavradores os dirigentes da "Indústria de Fécula Lorenz" mandaram os seus operários colher raízes de mandioca nas plantações de sua propriedade, no que foram impedidos pelos grevistas que invadiram as plantações armados de foices, facões, espingardas, porretes, etc?

A História de Blumenau revela:

O FUNDADOR SEMPRE FOI ALVO DE ADVERSÁRIOS MALDOSOS E INVEJOSOS — UMA CARTA DO DIRETOR INTERINO DA COLÔNIA, DEFENDE O FUNDADOR QUANDO ESTE ACHAVA-SE NA ALEMANHA, EM TRATAMENTO DE SAÚDE, NO ANO DE 1867

(extraído dos documentos históricos transcritos dos arquivos da Baixa Saxônia, especialmente para "Blumenau em Cadernos")

"Blumenau, 6 de fevereiro de 1867.
Ilmo. e Exmo. Snr.

Em cumprimento da ordem de V^{sa}. Excia., datada de 5 de janeiro do corrente ano, tenho a respeito dos apontamentos sobre a Colônia Blumenau, que acompanharão, a dizer o seguinte:

Estes apontamentos sobre a Colônia Blumenau são desde o princípio até o fim inteiramente FALSOS E MENTIROsos; o autor deles, que achou melhor não assiná-los, provavelmente nunca viu esta Colônia ou talvez há muitos anos e muito superficialmente e parece-me

que colheu suas idéias das narrações de algum sujeito fugido desta Colônia. Tais sujeitos, muitas vezes vagabundos, procuram em geral recomendar-se e escusar-se desacreditando vilmente e difamando aleivosamente a Colônia, que deixaram, e certamente é muito arriscado de estribar em tais narrações e compor um relatório dirigido ao Governo Imperial.

Digne-se V^a. Excia. de ler a estatística e os relatórios datados de 13, 17 e 31 de dezembro próximo passado sobre o estado desta Colônia no fim do ano próximo passado, que tinha a honra de remeter a V^a. Excia. e em os quais não deixei de mencionar o que ainda falta a mesma; posso assegurar a V^a. Excia. que estes relatórios são tão fiéis e verdadeiros como os podia fazer com boa consciência e mais que o que neles disse é bem fundado, tanto mais que ninguém melhor do que eu conhece esta Colônia, tendo cá no tempo de 13 anos, pois quasi desde a sua existência, servido como guarda-livro e como representante do Diretor durante as freqüentes ausências dele. Referindo-me, pois, aos relatórios mencionados vou esclarecer as asserções dos apontamentos.

O estado atual desta Colônia — diz-se nos apontamentos — é muito precário, a mesma está para dissolver-se completamente e muitos habitantes desejam mudar-se para a Cananéia. Refiro-me ao fato visível da estatística que no ano próximo passado apesar que a imigração para todo o Brasil era quasi zero — 201 pessoas chegadas da Europa emigraram diretamente, número de imigrantes bom que pouco considerável, mas que muito poucas outras Colônias alcançaram. A povoação ficou, desde o fim de 1865 até o fim de 1866 aumentada com 326 almas. Consta da lista das entradas, que se acha nesta Diretoria, que nos anos de 1865 e 1866 emigraram de outras Colônias para esta, 64 pessoas, número que seria muito maior se a mudança de uma Colônia do Governo para outra fosse muito dificultada e até em parte inteiramente proibida. A vista destes fatos custaria muito de presumir a dissolução de uma Colônia que tem perto de 3.000 habitantes e não digo de mais, declarando que na minha opinião, com o decurso regular das coisas, esta Colônia será uma das últimas no Império que se dissolve. Quanto ao desejo de muitos habitantes desta Colônia de querer mudar-se para Cananéia, declaro aquella asserção uma ridiculíssima, existindo nesta Colônia apenas quatro ou cinco pessoas que conhecem Cananéia nem pelo nome.

Sobre a navegação no rio Itajaí-açu, expliquei-me claramente nos respectivos relatórios, como também mencionei de um lugar penhascoso no Belchior de cujo desembarço decerto seria muito desejável que porém não estorva a navegação de barcos costeiros carregados até a povoação desta Colônia, importante o frete de um barril de 5 a 6 arrobas somente 800 réis para Rio de Janeiro e Desterro e destes lugares para cá.

Nos apontamentos disse que os mantimentos indispensáveis tenham preços fabulosos por causa dos fretes elevados e que da outra parte os Colonos não possam exportar coisa alguma e por isso apro-

veitar-se somente do que eles mesmos consomem, estragando-se totalmente o resto. A contradição desta mentira é evidente, porque se os mantimentos indispensáveis tem preços fabulosos nesta Colônia, não se pode falar de exportação e não pode existir resto algum que se estraga.

Como consta da estatística, importou a exportação no ano de 1866 em cerca de 38 contos de réis e se não foi maior não é culpa das más comunicações, mas sim de outras coisas que em parte já mencionei e que em parte não podem cessar e cessarão se não pouco a pouco. Dos mantimentos indispensáveis só fica importada carne seca que tem o preço do mercado em Desterro, aumentado pelo frete limitado e do ganho dos mercantes. Para esta colônia vem dos campos grande porção de gado para matar e muito fica criado na mesma; importante é a criação de gado suíno, de maneira que o consumo de carne seca é muito limitado e os mercadores, nesta Colônia não acham proveitoso vendê-la e em maior parte deixam a venda de carne seca aos barcos costeiros. Assim, pode acontecer que por pouco tempo há falta de carne seca, porém o mesmo acontece em outros lugares maiores e fora somente aos que por muito tempo querem trabalhar no mato e estes costumam prover-se a tempo.

Verdade é que o Rio Itajaí-açu às vezes transborda as suas margens e faz alguns estragos mas o mesmo acontece com quasi todos os demais rios no Brasil; e os estragos podem se julgar insignificantes em comparação com as grandes vantagens e ricas colheitas que dão anualmente as terras uberríssimas sitas junto às margens do rio.

Uma ponte sobre o Rio Itajaí-açu nunca existiu e em verdade custaria a construção de uma tal ponte — importando talvez em 80 a 100 contos de réis — muito demais para os Colonos, bem que não são tão pobres como os representa o autor dos apontamentos. Já desta única asserção é evidente que o mesmo senhor ou não sabe nada ou somente cousas falsas a respeito desta Colônia.

Verdade é que já diversas vezes pontes e caminhos foram em parte estragados por chuvas copiosas ou enchentes — e há muitas regiões onde acontece o mesmo, mais ou menos, que porém não obstante disso podem ser chamadas as mais belas e férteis — mas para o conserto de tais estragos até agora nunca foi reclamado o trabalho gratuito dos colonos, pelo contrário, mandou esta Diretoria fazer os concertos necessários com a maior pressa possível e por conta do governo, como consta das contas respectivas.

Outra mentira é, que os possuidores de cavalos devem pagar impostos para a conservação das estradas; outra mentira que estas últimas se acham num estado que torna quasi impossível o transporte. Pontes e estradas nesta Colônia são tão sólidas e boas como em qualquer outra Colônia e segundo a sinformações do homens de juizo que tinham ocasião para comparar os meios de comunicação em diversas Colônias, são os nesta Colônia Dona Francisca os melhores. É um fato, que os habitantes desta Colônia até agora nada fizeram gratuitamente

para as comunicações e que a conservação das mesmas se faz da parte desta Diretoria. Tornando-se o último quasi impossível por causa da maior extensão das estradas — existiam no fim do ano passado, 48.561 metros de estradas para carruagens e 140.455 metros para bestas e fora destas, uma estrada para bestas à costa do mar de cerca de 10 léguas, cuja conservação em grande parte vai por conta desta Diretoria — e sendo muito melhor que a conservação das estradas feitas a custa do Governo Imperial fosse devolvida ao comum, como é de direito, pedi há algum tempo, aos habitantes desta Colônia, de organizar um estatuto semelhante ao da Colônia Dona Francisca, para que a administração e conservação das estradas acabadas se fizesse pelo comum, o que não se pode alcançar sem que cada propriedade se obri-gue a um imposto limitado anual a caixa comum, o que será possível mesmo ao mais pobre nesta Colônia.

É outra mentira que esta Diretoria recomendara aos habitantes desta Colônia o corte de madeiras como trabalho mais produtivo, certo é que este trabalho secundariamente daria bom lucro, principalmente se a gente podia utilizar-se fora das madeiras da lei de todas qualida-des de madeiras que se tornam podres nas roças, o que se pode fazer quando o porto do Itajaí-açu ficar habilitado para a exportação para portos estrangeiros, favor que já roguei a Sua Excia. o Senhor Minis-tro da Agricultura. O solo, o clima, etc., são bastante favoráveis à agricultura e dá esta ao colono diligente, perseverante e inteligente, o melhor ganho.

É outra mentira que é difícil a exportação de táboas por falta de meios de comunicação. Do porto de Itajaí, saem anualmente táboas na importância de 150 contos de réis; existem aqui oito engenhos para serrar madeiras, que contribuem muito para isso, e este rio Itajaí é para jangadas de madeira o meio de comunicação mais barato e aplicá-vel muito além dos Saltos.

A proposta final de facilitar a comunicação com o porto é de todos os apontamentos feitos o único que tem senso comum e já diver-sas vezes fiz menção disso, mas contudo não é tão importante e neces-sário como muitas outras coisas e em caso nenhum pode formar ques-tão de vida para esta Colônia.

Finalmente permito-me dizer que é um fato rematado e reco-nhecido de muitos visitantes desta Colônia que a examinaram com competência e sem preconceitos que a mesma, quanto às condições na-turais e necessárias para a prosperidade de uma Colônia, pertence às que são melhor situadas.

É mais um fato que a administração da Colônia Blumenau, des-de o seu princípio se achou nas mãos de seu fundador, o Doutor Hei-mann Blumenau e que o mesmo administrou sempre com a maior in-teiressa, conhecimento e mesmo com sacrifício de parte de sua fortuna. O nome do Doutor Blumenau tem mesmo na Alemanha tão boa fama e reputação que em grande parte a ele se deve atribuir que a voz públi-ca se torna mais favorável a respeito da emigração para esta pátria, até

agora tão impugnada, empregando o mesmo Senhor, que desde algum tempo demora na Alemanha, para restauração de sua saúde, a maior parte de seu tempo em trabalhar neste sentido.

Da mesma maneira esforcei-me a mim de continuar em igual modo honrado e cuidadoso na administração desta Colônia, facilitado por uma experiência de muitos anos e o conhecimento de até as mínimas circunstâncias, e de guardar assim não só os interesses da Colônia como também ao mesmo tempo os do Governo Imperial.

É tudo que posso dizer a respeito de uma obra mal feita sem base alguma, como são os apontamentos e que provavelmente por isso não são assinados.

Caso que se duvidasse em serem verdadeiros os relatórios desta Diretoria, seria o meio mais fácil e seguro de mandar para esta Colônia uma comissão ou um homem de confiança para eles poderem formar um juízo justo a respeito. — Deus Guarde Vossa Excelência. — Ilmo. Sr. Dr. Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, digníssimo Presidente da Província. — O Diretor interino". (assinatura ilegível)

100 ANOS DEPOIS

Nestor Seara Heusi

"Was du ererbt von deinen Vaetern hast, erwirb es um es zu besitzen". — O que herdaste de teus pais, conquista-o, a fim de o possuíres.

Assim falou Johann Wolfgang von GOETHE, o grande pensador universal.

E essas sábias palavras, como uma luva à mão, se ajustam aos homens que construíram e dirigem essa hoje portentosa e renomada Organização que porta o nome honroso de Cia. HERING.

Nascida da vontade indômita de dois grandes e valorosos pioneiros HERMANN e BRUNO HERING — vindos da velha Germânia e que aqui chegaram no recuado ano de 1880, quando a nossa querida Blumenau se distanciava 30 anos apenas da sua fundação, — a pequenina indústria, de âmbito meramente doméstico, alojada numa humilde casinha sita na única artéria da incipiente Blumenau, e onde hoje se ergue o majestoso edifício de LOJAS HERING S. A., e cujos operários eram tão somente os mebrs da própria família, que manipulavam um único tear, — de etapa em etapa, foi crescendo e prosperando.

E, já agora, volvido um século neste ano que corre de 1980, ei-la,

forte e poderosa, como a maior Malharia da América Latina e quiçá do Mundo, fornecendo pão e trabalho a mais de 10.000 operários, dos quais dependem cerca de 50.000 criaturas.

O seu faturamento mensal sobe, hoje, a mais de 600 milhões de cruzeiros novos.

Este humilde escriba que moureja nessa modelar organização industrial faz quase 40 anos, vem acompanhando, "pari passu", o seu esplêndido desenvolvimento, a sua vitoriosa caminhada. Conhece-lhe o corpo e a alma.

Sempre de pai para filho, desde os seus primórdios, dirigem atualmente a empresa membros da terceira e quarta gerações.

Que guardam e seguem os mesmos e edificantes princípios herdados de seus ancestrais.

Querem — os que me lêem — conhecer o segredo porque nesses longos 100 anos de Cia. HERING, nunca se tivesse registrado sequer um movimento paredista?

Pois, imbuído da maior, da mais legítima satisfação, eu lhes vou dizer.

É que na Cia. HERING se pratica o que nos ensina o velho refrão:

"Superior é o homem que não se julga superior aos outros".

Sim, meus queridos leitores, ali, numa simbiose perfeita de capital e trabalho, dirigentes e dirigidos, irmanados e unidos frente a um só ideal, buscam e lutam por um mesmo objetivo: o progresso e a prosperidade da empresa!

Daí porque, ao longo desses 100 anos, o ritmo do trabalho não sofreu qualquer perturbação.

Quando da realização das magníficas e inesquecíveis festividades comemorativas que assinalaram, em 1955, a passagem dos 75 anos de fundação da Cia. HERING, os seus operários e colaboradores, dentre as expressivas homenagens prestadas à direção da empresa, como seu ponto alto, mandaram confeccionar uma placa de bronze nela gravando esta bela frase:

"ESCREVE NA AREIA OS BENEFÍCIOS QUE PRATICAS, MAS GRAVA NO BRONZE OS BENEFÍCIOS QUE RECEBES".

E é precisamente essa compreensão e essa gratidão que tornam a Cia. HERING uma grande família.

Aí reside — repito — o grande segredo dos seus 100 anos de paz, progresso e prosperidade!

Envaidecido e feliz, proclamo alto e bom som — a Cia. HERING é um exemplo. É fator de progresso de Blumenau, de Santa Catarina e do Brasil.

Blumenau, 6 de março de 1980.

GUSTAVO KRIEGER

"UM HOMEM QUE AJUDOU A ESCREVER, COM SUA VIDA, A HISTÓRIA DE SUA CIDADE"

(Continuação do nº anterior)

GUSTAVO, meu avô

Sob este título apareceu em "A Cidade de Blumenau — Página de Brusque", a 1º de janeiro de 1970, uma crônica de autoria de Maria de Lourdes Ramos Krieger:

Recordo-me dele — tantos, tantos anos faz — meio gordo, boina azul, as mãos cruzadas e um sorriso amigo, aos domingos, sentado na sala de jantar, onde íamos encontrá-lo após a missa das 8, a missa das crianças, para pedir-lhe a bênção. Não falhava domingo: estávamos sempre presentes, descendo a escadaria da igreja aos pulos, atravessando as ruas a correr, atropelando-nos ao transpor o portão e a porta da sala de jantar, numa disputa de quem chega primeiro.

E "ôpapa", como o chamávamos, a abençoar-nos sorrindo, perguntando de nossas travessuras, contando estorinhas para o grupo traquinas.

E o Natal, os filhos e filhas casados com seus filhos e filhas ao redor da árvore, os cumprimentos, os doces, os presentes, e teatrinho — ah, porque havia teatrinho, sim, encenado pelos maiores, vezenquando a gente podia entrar nessa, mas era preciso sorte pra burro. Uma confraternização bacana mesmo, "ôpapa" cercado pela gentarada que constituía sua família, sorridente, tranquilo, feliz.

É como me recordo dele, de meu avô Gustavo, pai de meu pai: sorridente, tranquilo feliz. Dela, de "ômama" Adelaide, não trago lembranças: mal era nascida quando ela faleceu. Mas do que me contaram e contam, ela era mesmo uma avó legal. Falam da comida que fazia — uma delícia que só, comida italiana de que eu tanto gosto — de seu temperamento extrovertido, alegre.

Então fico a pensar o que diriam ambos, meu "ôpapa" Gustavo e minha "ômama" Adelaide: dos netos que lhes deram outros netos, educados como eles educaram seus filhos: no amor a Deus, à Verdade, à justiça; em especial neste ano de 1969, de seu neto Edino, que se distinguiu de modo brilhante, na música erudita brasileira, mas continua

modesto, simpático, brusquense (apesar de muitos anos de Rio); de seus netos Gustavo e Murilo que quiseram oferecer o trabalho de suas vidas, todo ele a Cristo: Gustavo, ordenado Pastor Evangélico a 27 de janeiro (o primeiro Pastor filho de Brusque) e Murilo a 7 de dezembro ordenado Sacerdote Católico. Um no primeiro, outro no último mês do ano. Os dois primos-irmãos com o mesmo ideal, qual seja o de propagar o amor a Deus, à Verdade, à Justiça.

“Muitos serão chamados, mas poucos os escolhidos” (Mt 20,16).
Dentre os muitos chamados, dois escolhidos são teus netos, meu avô.
Que achas disto?

Brusque, dezembro de 1969.

(Continua no próximo número)

Clube Social de Caça e Tiro Garcia Jordão atinge o centenário de sua fundação

O dia 30 de maio do corrente ano, marcou um acontecimento muito importante na vida social e esportiva blumenauense. Foi o dia em que registrou-se o centenário de fundação de uma das mais vibrantes e atuantes agremiações tradicionais esportivas de Blumenau: O Clube Social de Caça e Tiro Garcia Jordão.

Fundado a 30 de maio de 1880, fruto do idealismo de um punhado de bravos e unidos pioneiros da colonização do bairro Garcia, esta sociedade teve o seu desenvolvimento marcado por destacadas atuações dos que passaram por sua diretoria, assim como pelo entusiasmo dos antigos e atuais sócios que sempre a prestigiaram tanto no campo esportivo como no social.

Em sua participação nas competições de tiro, assim como nas festividades cívicas blumenauenses, como desfile de 2 de setembro e outros acontecimentos, o popular clube do bairro do Garcia sempre teve participação destacada. Eis aí a razão pela qual, Blumenau em Cadernos, ao fazer o registro do auspicioso acontecimento, destaca uma das mais antigas fotos da primitiva sede do clube para figurar na presente capa e serve-se deste meio para endereçar aos atuais dirigentes do Clube Social e Recreativo Caça e Tiro Garcia Jordão, sua atual denominação, os mais entusiásticos cumprimentos pela efeméride centenária, assim como presta homenagem aos pioneiros fundadores e aos que os precederam que já não mais existem, traduzindo desta forma a gratidão não só dos atuais associados do clube, pelo muito que fizeram em prol do seu desenvolvimento, mas da própria população do município, já que o prestigioso clube garciense traduz-se hoje num motivo de orgulho para a comunidade blumenauense.

Jornal do Piauí comenta Contistas de Blumenau

O "Jornal do Piauí, de Terezina, na coluna "Caderno de Anotações", assinada pelo escritor e crítico A. Tito Filho, publicou o seguinte comentário ao livro "Contistas de Blumenau" editado pela Fundação Casa Dr. Blumenau:

"A geração que nasceu em Blumenau, depois de Segunda Grande Guerra, deu a essa admirada comunidade catarinense um novo tipo de literatura: a ficção e a poesia. E a gente logo se recorda de Ricardo L. Hoffmann, com A SUPERFÍCIE, romance de alemães em Santa Catarina. Outro é Péricles Prade, poeta e de notável experiência no conto policial surrealista. E ninguém esqueça Vilson do Nascimento.

Leio agora CONTISTAS DE BLUMENAU, um livro que reúne gente do mais alto respeito literário, como, pela ordem, Enéas Athanázio, num estilo sempre encantador, contando coisas da religiosidade antipática mas real de Nhá Balbina; Herculano Domicio, patético, na interpretação dos traços psicológicos dos surradores dos judas do sábado de aleluia; Otto Jaime Ferreira, tão realista na busca tão só do insosso lado da vida do menino da ferrovia, que gostava de saltar dormentes; José Gonçalves, esmiuçando a história da aviação, numa síntese bem conduzida com mão de mestre, para dela extrair o trágico e impenitente sonho de Acaci; Urda Alice Klueger, do jeito tão doce de descrever paisagens e narrar cenas familiares, reunindo quartel e morte na estória da rua que ganhou o nome do soldado; Edith Kormann, no espantoso e sangrento peru natalino; Carlos Braga Mueller, pintando paixões amorosas shakesperianas, crimes e aparições de alma, loucura e danação; Vilson do Nascimento, José Roberto Rodrigues e Roberto Diniz Saut — voltados para as tragédias do mundo, frases severas, personagens de dor e de sangue; e no fim Rogério Neri de Souza num conto curioso de interpretação da morte de Jesus.

Blumenau está de parabéns. Ganhou de presente uma coleção de arte verdadeira, em que a tragicidade dos casos se harmoniza com o aplaudido critério narrativo de cada um. Livro de talentos novos para a incorporação a Santa Catarina e especialmente à comunidade blumenauense de bonitas páginas literárias vestidas da boa língua portuguesa".

GUSTAV WALTER BUECKMANN

Há homens que marcaram sua trajetória terrena por seus feitos, por suas lutas e pelo seu trabalho construtivo.

GUSTAV WALTER BUECKMANN foi, sem sombra de dúvidas, um destes predestinados, que soube trilhar sua existência no labor constante e construtivo, contribuindo com seus elevados conhecimentos técnicos para assegurar à Brusque o desenvolvimento têxtil de que hoje desfrutamos.

A 1º de maio de 1880, ocorre o transcurso do primeiro centenário de sua data de nascimento. Natural de Moenchengladbach, na Rhenania, Alemanha, freqüentou com ótimo aproveitamento o Ginásio de sua terra, dedicando-se, desde a mais tenra idade à tecnologia têxtil. Absorveu com dedicação e inteligência vários cursos especializados do ramo e lograva em breve colocar-se como assistente do Mestre geral duma grande Fiação de sua terra natal.

Em 1900, candidatou-se a um anúncio do Sr. Cônsul Carlos Renaux, que procurava Técnico para uma pequena Fiação que acabara de comprar da firma Platt Bros., em Oldham, Inglaterra. Foi aceito, e, após um estágio em Oldham, trouxe a fiação para Brusque, onde a montou e pôs em funcionamento.

Estava, assim, instalada a primeira Fiação em Santa Catarina, a mesma que sómente por ocasião do 1º Centenário de Brusque, deu origem ao slogan de que tanto nos orgulhamos: "BRUSQUE, BERÇO DA FIAÇÃO CATARINENSE".

Dirigiu a fiação até 1905, contraíndo matrimônio com D^a. Maria Renaux, filha do Sr. Cônsul e, em seguida, voltou para a Alemanha, já que as atividades profissionais na pequena fiação de apenas 2.000 fusos era limitada. Tão logo de regresso a sua pátria, passou a supervisionar em Moenchengladbach a importante fiação de Theodor Lange. Durante a 1ª Guerra Mundial, foi convocado para o serviço militar. Entrementes, nasceram-lhes seus filhos Erich Walter e Hildegard.

Em 1919 o Sr. Cônsul aumentou sua Fiação e insistiu para que seu genro voltasse ao Brasil, a-fim-de colaborar na direção de seu crescente parque industrial. Em 1925 participou ativamente da instalação da Indústria Têxtil Renaux S.A. e muito contribuiu para o seu desenvolvimento.

GUSTAV WALTER BUECKMANN era um Técnico de mão cheia, não apenas na teoria, mas também na prática. Foi um grande e competente instrutor das turmas de Mestres e Contramestres, os quais, décadas depois, ainda o citavam, lembrando seus valiosos ensinamentos. Era meticoloso em tudo o que fazia e muito preciso na montagem, ajustagem e manutenção das máquinas. Esta precisão



Gustav Walter Bueckmann

chegava até o requinte de não admitir, por exemplo, que seus auxiliares apertassem parafusos com alicate.

Participou ativamente na vida social de nossa comuna, tendo sido, respectivamente, Vice-Presidente e Presidente da Comunidade Evangélica Luterana de Brusque de 1922 a 1942 e entre outras muitas atividades, integrou como componente a alegre turma da "Alt-Herren Riege", da Sociedade Ginástica Brusque (hoje Soc. Esport. Bandeirante), que não raras vezes terminava suas sadias brincadeiras no Ribeirão da Fábrica.

Era um caçador apaixonado, que ensinou a seus companheiros da época a ética da caça, de cujos princípios jamais se afastou. Seu jipe era adaptado para acomodar os cães e as armas e, foi numa viagem aos campos de Lages, no ano de 1947, que encharcado pelas intempéries, apanhou uma "friagem" resultante em forte gripe e num reumatismo generalizado, que se desdobrou numa arteriosclerose cerebral, da qual não mais se recuperou nos restantes 27 anos de existência, até que a morte lhe adveio em 1974.

Foi um chefe de família exemplar, marido bondoso e correto e muito esmerado na educação de seus filhos.

Festejou não somente as Bodas de Diamante, mas também as de Ferro e estava a apenas oito meses das Bodas de Graças (Gnaden Hochzeit) quando faleceu.

GUSTAV WALTER BUECKMANN, estamos certos, se perpetuará na memória das gerações futuras, como um dos "PIONEIROS DA FIAÇÃO CATARINENSE".

Emil Walter Bueckmann
Brusque Maio de 1980.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 9 de novembro de 1867:

O BRASIL NA EXPOSIÇÃO MUNDIAL DE PARIS

O Brasil ocupa, sem dúvida alguma, o primeiro lugar entre todas as nações da América do Sul, que tomaram parte na Exposição, no que se refere à quantidade, à diversificação e à qualidade de seus produ-

tos. O nosso País esforçou-se para conquistar esta posição. Os artigos expostos foram reunidos primeiramente em exposições provinciais, depois na Exposição Nacional do Rio de Janeiro, onde, por fim, um júri escolheu os objetos a serem enviados à Paris. Em lugar de um simples catálogo, enumerando todos os objetos, o Governo editou um volume especial para a orientação precisa dos principais artigos, o lugar de origem, a espécie de sua cultura e sua fabricação, preço, comércio, etc. Uma parte desse livro apresenta estatísticas do Brasil concernentes à administração, à situação financeira, às instalações, às estradas de ferro, à exportação e à importação. O catálogo constitui um panorama geral do Brasil e guia o visitante de maneira perfeita, pelas salas da Exposição Brasileira. As salas são ricamente ornamentadas, sendo o salão principal todo decorado em verde e ouro. A ornamentação é um tanto exagerada, mas em seu conjunto apresenta boa impressão. Nessa sala se encontram alguns dos principais produtos do Brasil, sobretudo excelentes AMOSTRAS DE ALGODÃO, que foram bastante elogiadas. O País recebeu o Grande Prêmio especial pela cultura do algodão. O júri, com esta distinção, desejava premiar os esforços do nosso País em prol da cultura do algodão, durante e após a Guerra Civil na América do Norte. Conseguimos, realmente, grandes resultados nesse ramo de cultura. No ano de 1861 o Brasil somente exportou 85.000 sacas de algodão, já no ano de 1865, mais de 334.000 sacas. De todos os tipos de algodão, o produto brasileiro é o mais adequado para a substituição do algodão Luisiana, segundo a opinião dos fabricantes ingleses. A província de Pernambuco alcançou preços mais elevados no mercado de Liverpool, pelo seu algodão, cotação esta mais elevada do que a da América do Norte. É de se notar que nas províncias meridionais do Brasil a cultura do algodão é promovida principalmente pelo trabalhador livre, e não pelo escravo — evidenciando, deste modo, que a abolição da escravatura não levará o País à ruína, mas ao contrário a um futuro de felicidade. A BORRACHA do Pará, que não apresentou as suas melhores amostras, já vem gozando de fama, pois supera a qualidade da borracha de Java. Ao lado da borracha se encontram amostras de RESINAS merecedoras da atenção dos peritos. Grande parte desse produto é originária das margens do Amazonas. A província do Pará ainda possui outras fontes de riqueza, como o CACAU a BAUNILHA — inferior a qualidade mexicana — a SALSAPARRILHA, o GUARANÁ e grande quantidade de PRODUTOS MEDICINAIS E QUÍMICOS. Entre os produtos químicos, a coleção do sr. F. Peckolt, sem dúvida, ocupa o primeiro lugar, pois a mesma se compõe de nada menos que 210 amostras de resinas, óleos voláteis e elementos extraídos de plantas tropicais.

(Continua)

— DIA 1º — A imprensa noticia que foram vacinadas, em Santa Catarina, contra a poliomielite, nada menos do que 167 mil crianças.

— DIA 2 — A Orquestra de Trombones, da Westphalia, Alemanha, numa promoção do Departamento de Música Sacra da Comunidade Evangélica de Blumenau, realizou, às 16 horas, no pátio da Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo, uma apresentação pública, como complemento ao espetáculo programado para às 20,30 horas no Teatro Carlos Gomes no mesmo dia.

— DIA 6 — De acordo com informações prestadas à imprensa pelo diretor do Hotel Garden, 10 mil turistas visitaram Blumenau durante a semana Santa.

— DIA 9 — Em assembléia realizada no Teatro Carlos Gomes, foi criada a Confederação Brasileira de SKAT, cuja sede ficará sendo Blumenau. A reunião contou com a presença, inclusive, do vice-presidente da Federação Mineira de SKAT, sr. Haroldo Muecke.

— DIA 9 — Segundo estatísticas publicadas pela imprensa, a Prefeitura de Blumenau deverá arrecadar este ano cerca de 50 milhões de cruzeiros do Imposto Predial e Territorial Urbano.

— DIA 10 — Declarações do Sr. Hans Prayon, Cônsul Honorário da R. F. A. em Blumenau, confirmam a fundação de uma empresa turística que denominar-se-á BLUTUR, que deverá instalar uma cervejaria de pequeno porte para atender ao turismo em nossa cidade.

— DIA 12 — Foram inaugurados oficialmente os sinos da Igreja de Itoupava Norte, ao início de grandes festejos que foram abertos com missa rezada, às 19 horas, pelo Padre Otávio Mafezzolli.

— DIA 12 — O mais trágico desastre aéreo jamais ocorrido em Santa Catarina, aconteceu em Florianópolis, próximo ao aeroporto Hercílio Luz, quando um aparelho Eoing 727, da Transbrasil, chocou-se contra um morro.

— DIA 18 — Numa promoção conjunta da Prefeitura Municipal, da Fundação "Casa Dr. Blumenau", do Departamento de Cultura da SEC e do Cine Busch, foi realizada, naquele cinema, a apresentação de diversos filmes de 35 milímetros, constantes de uma coleção encontrada nos arquivos históricos da Fundação Casa Dr. Blumenau e

que ainda tinham condições de exibição. Tais filmes, que haviam sido produzidos há mais de 50 anos pelo fotógrafo Alfredo Baumgarten, mostram diversos aspectos de Blumenau a partir do ano da enchente de 1927, até fatos ocorridos na década 1930 a 1940. Numerosos convidados compareceram à sessão. Os filmes que agora foram remontados e interligados em dois volumes, serão levados pelo diretor executivo da Fundação Casa Dr. Blumenau, José Gonçalves, a um laboratório de São Paulo ou do Rio de Janeiro, onde serão copiados para 16 milímetros, o que então permitirá a sua exibição nas escolas e bairros de Blumenau com aparelhos portáteis. Os originais permanecerão catalogados no Arquivo Histórico daquela instituição blumenauense.

— DIA 18 — Às 9 horas da manhã, o reitor da FURB, professor José Taffner, recebeu, na Estação de Rastreio localizada em Gaspar, equipamento técnico enviado pela Força Aérea Norte Americana, no valor de um milhão de dólares.

— DIA 18 — A imprensa noticiou que o Ribeirão Itoupava, que percorre todo o vale da Itoupava Central, deverá ser retificado em 13 mil metros, eliminando-se, com isso, os sérios problemas que causa à população local quando caem fortes chuvas. O trabalho será desenvolvido pelo DNOS em convênio com a Prefeitura de Blumenau.

— DIA 19 — Realizou-se em Blumenau, promovido pelo Kenel Clube de Santa Catarina, sediado nesta cidade, o V Festival do Cão. O acontecimento teve lugar no Pavilhão "A" da PROEB.

— DIA 23 — Foi iniciada, na Prefeitura, a distribuição dos carnês do Imposto Predial e Territorial Urbano.

— DIA 24 — No Ginásio "Sebastião Cruz", apresentou-se às 20,30 horas o grupo musical Genghis Khan, numa promoção do Diretório Central dos estudantes da FURB.

— DIA 25 — No hall da FURB, foi aberta exposição de trabalhos do conhecido e aplaudido escultor Erwin Teichmann.

— DIA 25 — Em reunião realizada na sede do Guarani Esporte Clube, foi empossada a nova diretoria do PX Clube de Blumenau, assumindo a presidência do sr. Carlos Alberto Ross.

— DIA 30 — Com a presença de numeroso público, o Prefeito Renato de Mello Vianna inaugurou a Praça "Presidente Getúlio Vargas", localizada na confluência das ruas Amazonas, da Glória e Progresso, no bairro Garcia.

O rio campeão

Nemésio Heusi

O que sempre me intrigou na colonização de Blumenau, foi a escolha do local.

O que teria levado Hermann Blumenau a escolher aquele lugar exatamente onde hoje se situa uma das mais belas e progressistas cidades do Brasil?

Vou tentar, neste modesto trabalho, sem qualquer pretensão histórica, tão somente, satisfazer a minha própria curiosidade.

Em tudo o que tenho lido sobre a fundação de Blumenau, o “porquê” da escolha do local, não encontrei em nenhum dos muitos historiadores, algo que me satisfizesse, nem mesmo em: Frederico Kilian, Max Tavares d’Amaral, Osvaldo Cabral, Carlos Fouquet e José Ferreira da Silva, para citar, apenas, alguns dos muitos escritores, jornalistas e historiadores que escreveram sobre a vida e a obra de Hermann Blumenau, aliás, o “Ensaio Biográfico” sobre a “Vida e Obra do Doutor Blumenau”, de Carlos Fouquet, é um trabalho minucioso e admirável, o mais completo que li sobre a vida maravilhosa do Fundador de Blumenau, mas, ele também, não explicou o “porquê” do local.

Partindo-se do princípio de que, do século XVIII em diante, as Doutrinas Econômicas começaram a influir sobre o comportamento social dos grandes vultos históricos, teremos que admitir que Hermann Blumenau, não podia ser uma exceção às regras.

Mas, quais as Doutrinas Econômicas que mais atraíram o Dr. Blumenau, na época, o Século XIX, em que ele viveu?

Os precursores das Doutrinas Econômicas foram os Fisiocratas, um século antes, tendo como seu grande animador, François Quesnay, médico e economista, aliás, ele um dos médicos de Maria Antonieta, donde adveio o seu prestígio em toda a Europa.

Como economista, o Dr. Quesnay, aplicou à circulação do sangue no organismo, a própria circulação das riquezas dos povos, por isso que quando a circulação humana era perfeita a saúde também o era.

Concluindo que de nada valeria produzir, se não se pudesse circular, perfeitamente, para os centros consumidores as produções. Logo para os fisiocratas toda a saúde econômica dos povos dependeria da perfeita circulação de suas riquezas econômicas.

O Dr. Quesnay muito escreveu sobre os princípios fisiocráticos e acredito que Hermann Blumenau, como filósofo, portanto homem culto, tenha lido e se influenciado pelas doutrinas fisiocráticas, não só por seus conhecimentos filosóficos como por seu espírito civilizador.

É bem possível que quando ele, em companhia de Ferdinand Hackradt e do caboclo Ângelo Dias, subiu o rio Itajai-Açu, em busca do local ideal para a sua colonização, como estudioso e curioso, tenha notado, não só a beleza do majestoso rio, como a sua marcha em direção a Itajai, porto natural do vale que ele iria descobrir e estava estudando e analisando, para sua obra colonizadora. E assim pensando, tivesse conversado com os seus companheiros de aventura: "saibam vocês que este rio é o caminho natural e o mais barato, para escoarmos tudo o que produzirmos em nossa futura colônia. Esse ângulo sócio-econômico de produzir e circular, rapidamente, toda a nossa produção é fundamental para o futuro da nossa colônia. Vamos até onde o rio é navegável sem maiores dificuldades. Naturalmente, teremos de usar, tanto quanto possível, a corrente pluvial, para poupar, ao máximo o esforço humano e transportar, com relativa facilidade, as nossas riquezas e fomentar as comunicações. Meus amigos, começo a me interessar muito por este maravilho local".

Tanto Hackradt como Ângelo Dias, devem ter gostado do entusiasmo de Hermann Blumenau. Porém, Dias, cabloco que bem conhecia a região, foi sincero e deve ter dito: "Dr. Blumenau, podemos ir adiante, até mais ou menos a "Velha", onde há boa profundidade, sem corredeiras, mas, mais adiante, é perigoso por causa dos índios e mais uma coisinha, Doutor, aqui na embocadura do Ribeirão da Velha e do rio Garcia é, de fato, um bom e bonito local, de muita mata virgem muito viçosa, sinal de que a terra é boa e fértil. Mas, tem um problema, Doutor, de tempos em tempos, tudo fica debaixo d'água, dada as enchentes. É preciso o Doutor levar isso em consideração".

O Dr. Blumenau deve ter gostado da sinceridade do seu canoieiro e agradecendo a sua valiosa informação, deve ter respondido: "Ângelo, as calamidades estão em qualquer lugar, são fenômenos da natureza aos quais precisamos nos acostumar, porque eles fazem parte da nossa vida e dos perigos que convivem conosco, diariamente".

Seríamos injustos com a natureza se nos revoltássemos contra ela só porque, de tempos em tempos, ela nos manda uma enchente que poderá durar dias de lutas, sacrifícios e perigos. No entanto, o maior período é sem dúvida, de tempo bom e bonança e o rio, naturalmente, volta ao seu leito normal, dando-nos a mais valiosa e econômica via de comunicação para o transporte de tudo que aqui criarmos e produzirmos".

As suas palavras nasceram da eclosão da sua alma de filósofo, civilizador, desbravador e sobretudo, colonizador, que enfrentava com coragem e bravura, a grandeza da sua obra que apenas nascia, e carecia do local para a sua implantação.

Diante do entusiasmo de Hermann Blumenau, quando chegou ao local, Ângelo Dias, que bem conhecia seu diálogo, como bom cabloco brasileiro que era, deu o seu palpitezinho: "Doutor! Me parece que

o senhor tá certo com a escolha do rio para ir e vir até aqui e mesmo mais tarde transportar as suas mercadorias, sim porque, não é por querer falar mal do Governo, não! Mas, se o senhor pensa contar com o Governo pra fazer caminhos até aqui, é melhor desistir de tudo”.

Ângelo Dias era caboclo que viveu no Brasil-Colônia e pouco acreditava no Império, apesar de, em 1850, já termos 28 anos de Independência e nesse mesmo ano, D. Pedro II, já ter pacificado o País, desenvolvendo os meios de comunicação e imigração estrangeira, pouco, fazia pelos Estados sulinos que viviam à margem do Governo Imperial.

E disso bem sabia Hermann Blumenau, que muita sola de sapato gastou nos Paços Imperiais do Rio de Janeiro.

O Dr. Blumenau tinha que resolver a sua colonização à custa de seus esforços pessoais, de alguns dedicados amigos e da máxima boa vontade de seus colonos.

Sabia que sua missão era penosa, árdua e cheia de tropeços, bem como, dificuldades de toda ordem. Daí, sem dúvida, o rio ter profunda influência, já que era a única via de comunicação natural, então existente, pronta para ser usada, desde que nela se colocassem os meios de transporte que seriam, obviamente, a balsa, canoas, barcaças e lanchas de madeira, material ali existente para as suas construções, abundantemente, como resultante do desmatamento necessário à sua própria colonização.

As enchentes de Blumenau fazem parte da sua história, da vida de sua gente extraordinária, ordeira e trabalhadora, que aprendeu a conviver com ela, admitindo-a, não como um castigo de Deus, ou revolta da natureza, mas, tão somente, como a fúria indomável do seu rio, majestoso e belo, que na calamidade, une, cada vez mais a sua gente, que dele tanto precisa, num exemplo de solidariedade humana, que só os corajosos e fortes são capazes, porque, é neste momento difícil, que renasce, cada vez mais viva, em cada um, a alma e a fibra admirável de Hermann Blumenau, que como o rio que ele tanto amou, jamais ninguém subjugará.

Passado o pior e quando, lentamente, com a mesma majestade, o rio retorna ao seu leito de sempre, velhos, jovens e crianças, sem distinção de sexo, cor, raça ou ideologia, pés no chão e calças arregaçadas, vassouras em punho, aproveitam as últimas águas que invadiram a cidade para lavá-la para que, como sempre, Blumenau, seja a mais limpa cidade do mundo, sem se ver, ou notar, alguma queixa ou lamentação, porque todos sabem, que o rio, que eles tanto querem, tem o direito de, vez por outra, mostrar a sua força indomável, como o campeão maior da sua bela vitória!

II - “Um por todos, todos por um”

Elly Herkenhoff

A decisão unânime — de bombeiros e atiradores, foi esta: ninguém acataria a ordem do General, mas todos estariam prontos a continuar zelando pela ordem e tranqüilidade em Joinville. E enquanto o comandante Heinzelmann se dirigia ao Hotel Ipiranga, quartel-general dos federalistas, levando a recusa terminante ao General, mensageiros nossos galopavam pelas estradas, alertando mais uma vez os colonos, os quais, largando pás e enxadas, puseram-se em marcha, munidos de todas as armas disponíveis: espingardas, pistolas, revólveres, sabres, foices e facões. E, conforme reza velha tradição em Joinville, havia até grossos cabos de vassoura e sólidos porretes, trazidos ao ombro de mulheres, que participaram daquela “marcha dos mil colonos”, durante a noite de 1º de novembro de 1893...

Diante da atitude intransigente do Comandante Heinzelmann, o General decidiu retirar a sua ordem, mesmo porque o próprio Abdon Batista já o havia prevenido de que, dentro de poucas horas, estaria nas ruas de Joinville o “exército” dos mil colonos, pronto para tudo que viesse a acontecer. Assim, o General investiu o Comandante Heinzelmann no cargo de Chefe da Segurança em Joinville, ali mesmo, e no dia seguinte, quando as tropas se retiraram em direção ao Paraná, o General se despediu do Comandante com reiterados apertos de mão, repetindo, enfaticamente: “Aqui eu lhe entrego a guarda desta Cidade”.

E o nosso cronista Alexandre Döhler, que descreve pormenorizadamente a despedida do General e de seus 200 homens, acrescenta:

“O final das tropas era formado pelo General e seu Estado-Maior, o General garbosamente montado no bellissimo cavalo preto (Picas), do senhor Werner Riekes, administrador da Estrada Dona Francisca, cujos dois cavalos haviam sido requisitados”...

O Comandante organizou a guarda da Cidade, na qual tomaram parte 57 bombeiros, 28 atiradores e 20 cidadãos voluntários. Essa guarda atuou ininterruptamente, dia e noite, até o dia 26 de janeiro de 1894, quando o grosso das tropas federalistas abalou, dirigindo-se ao Paraná.

A 23 de novembro, Joinville recebeu 300 voluntários federalistas gaúchos, sob comando de Serafim Castilhos, o chamado Juca Tigre, formando a vanguarda do General Gumercindo Saraiva, o temido “degolador”. E a simples notícia da chegada daquelas tropas criou um ambiente indescritível de pânico na Cidade. Vinham de Blumenau, via Itajaí, fugindo do General Pinheiro Machado, então já em seu encalço. Vinham exaustos, imundos, esfarrapados — inclusive as mulheres e crianças que os vinham acompanhando, oferecendo um espetáculo “como nunca tínhamos visto antes”, conforme expressão de Alexander

Döhler. "Muitos tiveram de receber roupas, porque efetivamente quase nada mais tinham sobre o corpo". Depois de alguns dias foram levados em carroças até o quilômetro 61 da Estrada Dona Francisca.

E nos primeiros dias de dezembro, nova onda de terror se apoderou das famílias joinvillenses: aportava, enfim, o famoso General Gumerindo e seu irmão Oparício Saraiva, como grosso das forças, contando 500 homens para lutar contra os republicanos, apelidados de "pica-paus". Apresentando um quadro dos mais realísticos daquelas tropas gaúchas. Alexander Döhler conta dos oficiais, que andavam de bombachas, botas de esporas, espada arrastante e chapéu de fita branca com os dizeres bordados "Exército Salvador" ou fita vermelha com a inscrição "Tudo pela Pátria". E dos soldados — brancos, mulatos, negros, orientais (uruguaio) cor de oliva todos maltrapilhos, pouquíssimos de uniforme, muito deles mal-encarados, "com cara de força" e todos muito bem armados. No mínimo, cada um trazia um facão no cinto e muitos ainda possuíam pistolas, lanças ou espingardas. "Manter a disciplina dessa horda selvagem, não foi tarefa simples" — na opinião de nosso cronista, que mais adiante reproduz um rapidíssimo diálogo mantido com um sargento, ao qual perguntou, se recebiam regularmente o soldo. "Não", foi a resposta, "nóis mata gente pica-pau e róba o dinheiro"...

Para tranquilizar as famílias aterrorizadas, o General expediu uma ordem, proibindo terminantemente qualquer delito contra a vida e a propriedade dos joinvillenses — medida essa significativa, já que a soldadesca tinha como certa a permissão do General para no mínimo saquear Joinville, depois que o saque de Blumenau lhe tinha sido proibido...

A verdade é que a disciplina foi razoavelmente mantida, dentro dos limites do possível. Assim por exemplo, um dia a patrulha dos bombeiros encontrou uma carroça, na qual se achava uma colona, violentamente molestada por parte de um soldado. Preso o soldado pela patrulha, foi levado ao General, que ordenou o seu fuzilamento sumário e somente graças à intervenção das nossas autoridades municipais, que não desejavam derramamento de sangue em Joinville, o indivíduo foi poupado, recebendo apenas um castigo; ficou o dia inteiro, amarrado, torrando ao sol, ao pleno sol de dezembro — de onde se conclui o quanto era importante para o General angariar as simpatias de uma cidade tão estrategicamente situada como Joinville, entre o magnífico porto de São Francisco e a bem conservada Estrada da Serra, que leva ao Paraná...

Mas a 26 de janeiro de 94, a fase mais turbulenta da Revolução Federalista em Joinville teve o seu fim — o seu "amargo fim", sobretudo para os nossos colonos, que logo após a chegada do General Gumerindo haviam sido convocados para fazerem o transporte de soldados, de um lado para outro da Cidade, com as suas carroças puxadas a cavalo. Conforme o relato do "Kolonie-Zeitung", que mais tarde, em 1894, publicou pormenorizado retrospecto dos acontecimentos, as car-

rôças estavam, quase sempre, superlotadas de mercadorias e víveres, além de 5 a 6 soldados — enquanto os proprietários iam acompanhando a pé os seus veículos durante o trajeto.

E muitas vezes os soldados, agastados com a pachorra da locomoção, chicoteavam barbaramente os animais. “Vimos muitos colonos”, diz o “Kolonie Zeitung” em determinado trecho, “com os olhos marejados de lágrimas, diante dos maus tratos infligidos aos seus cavalos, aos quais todos eles, sem excessão, são apegados de corpo e alma. Mas — o que fazer? Se reclamassem, ainda estariam sujeitos a sentirem a lâmina da espada no próprio corpo — conforme mais de uma vez aconteceu...”

Quando, enfim, chegou o tão esperado dia da retirada das forças do General, os colonos foram convocados para fazerem o transporte até o quilômetro 24 da Estrada Dona Francisca — somente até o quilômetro 24 — porque dali em diante os soldados subiriam a pé. Mas, uma vez fora da Cidade, os revolucionários, sentindo-se senhores da situação, nem sequer pensaram em arredar das carroças. Obrigaram os animais — e os colonos — a subirem até o quilômetro 61, onde há o desvio que leva ao Paraná. E ali, naquela encruzilhada, os cavalos fustigados, exaustos, foram desatrelados das carroças, a soldadesca montou, abalando em direção a Curitiba e deixando os colonos, no meio da estrada, com as suas carroças e o seu desespero..

Nessa cavalgada — e nas lutas que mais tarde se travaram na região, entre os federalistas e a Guarda Nacional — todos os cavalos dos nossos colonos foram miseravelmente aniquilados. Os poucos que voltaram às mãos de seus donos, morreram algum tempo depois, e assim, durante os dois anos seguintes, não havia cavalos em Joinville..

Claro está que aqueles dias difíceis vividos por nossos avós há exatamente 85 anos, deixaram marcas profundas, também na vida econômica de toda a região. Mas não houve derramamento de sangue e se Joinville não sofreu violências maiores, isto se deve à exemplar coesão demonstrada pelos joinvillenses, tanto da Cidade como da zona rural. O Corpo de Bombeiros Voluntários — em colaboração com os atiradores e cidadãos voluntários — passou pela sua prova de fogo naqueles meses difíceis. Difíceis também para cada um dos chefes de família, impossibilitados de exercerem a sua profissão, enquanto serviam de guarda e de proteção à Cidade, dia a dia, meses após, sem medirem sacrifícios e em constante perigo de vida. Conforme nos conta Alexander Döhler, os soldados voluntários federalistas demonstravam um respeito profundo, principalmente pelos bombeiros em seus uniformes impecáveis e pela machadinha, que tomavam como armas de fogo. “Viam em nós uma espécie de super-homens e não tinham noção do número de homens de nossa corporação. Calculavam que éramos cerca de 300...”

A atitude dos colonos, que vieram acorrendo em defesa da sua, da nossa cidade, mereceu agradecimento especial por parte do “Kolo-

nie-Zeitung” que, expressando o sentimento de toda a comunidade, publicou no alto da primeira página, na edição de 3 de novembro de 1893 o seguinte:

UM POR TODOS, TODOS POR UM

“Aos colonos, pela espontaneidade com que, atenderam ao chamado, empenhando-se pela neutralidade do nosso Município e pela manutenção da ordem e da tranqüilidade ameaçadas, um tríplice e estrondoso VIVA!!!”.

Nestor Seara Heusi, uma vida modelar inculpida num sugestionante livro

Valfrido Piloto

Este escritor é desses a crescerem, desde logo, em nossa estima, e a imporem, com a mais fidalga de quantas qualidades se orne a justiça, um sinceríssimo, quase sagrado acatamento. Comove-nos com uma presença viva, esteja embora residindo longe e sem saber que o seu influxo se consubstancia neste exato interregno em que estamos pressurosos de entremear suas páginas, com nossas efusões elogiosas, de imácula gratidão pelo bem que elas nos vão proporcionando.

Não nos veio diretamente do seu alvitre o livro, apesar de ornado com dedicatória pessoal. Jamais tivemos oportunidade de defrontar fisicamente este admirável Nestor Seara Heusi, e tudo a seu respeito nos chega, sempre, por intermédio de um dos seus irmãos, também escritor, Nemésio Heusi, o qual se inebriou tanto de amores por Curitiba, a ponto de haver, desde há alguns anos, aqui se domiciliado, recebendo, em contrapartida, exuberantes provas de apreço, culminadas como aquela acontecida quando prestigiosos setores da coletividade paranista chegaram a fazê-lo candidato a deputado estadual.

São ambos catarinenses cujos ancestrais o sobrenome indica, e adianto-me a assinalar esses rebrilhos das suas certidões de nascimento. Dispõem, no entanto, da qualidade sempre considerada de decisivo quilate neste Paraná que tanto se oferta e sofre em prol do genuíno civismo. Esses dois Heusis constituem modelos de calorosa brasilidade. Assim, eu não me eximiria de chamá-los, como sempre o fiz ao barrigaverde descendente de açorianos, que foi o grande historiador e cientista Osvaldo Rodrigues Cabral: meus irmãos catarinenses!

Nestor Seara Heusi tem a minha idade, mas a certa altura deste livro que intitulou: “Um pouco de mim: da minha vida e do meu trabalho” (Blumenau, 1979, ed. de apenas 200 exemplares), não deixa de trair-se ao transcrever, uma certeza proclamada pelo poeta Bastos Tigre: “Tem cada idade a sua juventude”. De que tem mesmo, está a irrefragável prova nestas páginas de tão magistras lances construti-

vos e otimistas, que lhes advinhamos nas entrelinhas a seiva de uma portentosa árvore e reverdecer em frutos eternos, em ramarias de alcance o mais vasto, o mais acolhedor, o mais entranhado de luzes capazes de verdadeiramente nobilitar e redimir. “Agora, quando chego à meta final de minha vida, — é como refere a latente, a recatada mocidade de Nestor Heusi, — me abalancei a coligir entre os meus vários trabalhos — prosa e verso — produzidos durante largo período, maxime, porém, nessa última década, aqueles que, embora singelos e modestos, julgo possam ter alguma valia, principalmente para os meus filhos e netos” (p.8).

Em 1973, quando penetrava “nas longas sete décadas” de sua existência, lamenta, numa das costumeiras reuniões com seus descendentes, a ausência da esposa — D. Zulmira Ramos Heusi, — falecida no ano anterior. Todavia, nos mais espiritualizados destes teores, sentimos o perpassar de uma rediviva flama de amor, alentada através de 48 anos de consórcio. “Eis aí bosquejado em linhas ligeiras e singelas, o retrato moral e físico de nossa Família, — dizia Heusi, naquela oportunidade, rematando a propósito de sua esposa. “Família que ela sempre dirigiu e respeitou com esse amor que brota do coração incomparável de uma grande Mãe. E com essa superioridade que emana do caráter sem jaça de uma grande Mulher”. (p. 20).

Aliás, todos os familiares de Nestor Seara Heusi muito terão que aprender e preservar, no tocante às messes de exemplos deste imper tório cumpridor dos seus deveres. “O trabalho foi a minha vida”, — como que exclama ao abrir uma fala de “pai, avô e bisavô”, — e explica: “Foi trabalhando que eu vi transcórrer a minha adolescência, maturidade e velhice. Mercê do respaldo da formação moral que herdei dos meus saudosos pais, dignos e honrados, é que me foi dado conquistar, através de 54 anos de trabalho efetivo e constante, um valioso diploma. Que muito me honra e do qual me envaideço. Conquistado, porém, não nos bancos acadêmicos. Por isso que para tanto eram poucos os recursos financeiros dos meus velhos pais. Numa época em que o estudo superior era caro, e difícil o seu acesso. Não. Esse diploma me foi conferido nessa grande Escola, que é a escola da vida”.

Desse modo se expressava em 3.9.1978, e foi útil haver acrescentado: “Graças a esse honroso diploma é que duas vezes consegui me realizar. A primeira, na Estrada de Ferro Santa Catarina. Nela ingressei — menino de 14 anos — e ali mourejei pelo largo espaço de 25 anos. Comecei varrendo o chão. E, ao sair, ao encontro de maiores e melhores perspectivas, era o chefe da sua contabilidade, o posto mais elevado a que poderia ter chegado. A segunda e última vez, na Indústria Têxtil Companhia Hering, onde, convidado que fui, ingressei como seu procurador geral e secretário. Depois, chefe da contabilidade e, finalmente fui eleito seu diretor financeiro. Ao me aposentar, 29 anos depois, fui conduzido ao seu conselho consultivo, e posteriormente ao conselho de administração, como um dos seus membros, cargo em que ainda hoje me encontro”. (p. 26).

Durante esses percursos, Nestor Seara Heusi foi realizando o seu outro espargir de proficuidade. Todas as mais expressivas festas da família eram aproveitadas para que uma página de incentivo ficasse demarcando a escalada. Em 1978, à sua "participação dos atos que consagram o enlace matrimonial de mais um digno e valoroso componente do meu elenco de netos", era valorizada com amistosas advertências deste porte: "Devo dizer-lhes que nunca é demais para o jovem ouvir conselho de um velho avô. De vez que entre o moço e o velho existe uma grande diferença. É que o velho já teve a idade do moço. Mas o moço ainda não tem a idade do velho.

E, mais além: "Não busquem jamais, fora de vocês essa tão desejada e decantada felicidade. Não. Por isso que ela deve se encontrar, deve morar dentro, bem dentro de vocês. Pois, como é sabido, felicidade não traduz riqueza, fausto, poder ou tudo o mais que nos trazem as coisas vãs e efêmeras da vida. Felicidade, isto sim, é aquela que tem por base o amor. Aquele amor de que já lhes falei. Em outras palavras, felicidade é paz de espírito, equilíbrio, consciência limpa e tranqüila. Felicidade, em suma, é trazer nos lábios uma prece fervorosa e no coração um legítimo amor". (p. 36).

Volta ao tema, em poesia também de 1978, utilizando quase as mesmas expressões. E nos seus versos dedicados a todos os seus netos, para que "despertem em vocês um pouquinho de emoção. E eu me considerei regiamente compensado", há todo um legado de sabedoria. São algumas peças, mas imutáveis no critério de que, nobilitando a poesia, deve aí "ficar toda uma vida como a mais pura essência". Bem meditadas as estrofes de "Mãe" (1965) e são belos os acrósticos feitos em 1966, nos quais as suas netas poderão, hoje, reencontrar os cromos de suas infâncias e adolescências. Além de "Felicidade", "Reminiscências" e "Filosofando", uma "Ode ao Amor e à Paz" (1978), esta com o final: "Destruamos espadas. E empunhemos a Cruz!".

O prosador, por sua vez, é límpido, direto, envolvente. Os interessados numa antologia a respeito de tantas e tão invejáveis maravilhas de que é feita a vida catarinense, não poderão dispensar as recordações de Nestor Heusi, quando o conta as festas de Natal e a Páscoa, naquela terra de privilegiadas tradições. E como salvados de bons tempos interioranos, a reconstituição da vida livre e empolgante dos seis guris Heusis, criando um tempo seu, — um desses estágios, iguais aos aprazíveis "pés no chão e camisa para fora da calça" que também tivemos e que jamais serão perdidos como o foram os de Proust.

Se esplendidamente se desempenhou nos caminhos do espírito, Nestor Seara Heusi, obteve, igualmente nas lutas com o mundo profano, os lauréis de cintilante fé de ofício. Encerra seu livro com um capítulo referente às suas atividades na Estrada de Ferro Santa Catarina e na Indústria Têxtil Hering, as duas nas sedes-centrais, em Blu-

menau. Já nos disse dos postos e dos anos de serviço. Destaquemos, para condigno fecho de ouro, a circunstância de haver essa genuína Universidade de Trabalho que é a Hering, galardoado Nestor Seara Heusi — após 29 anos de serviço, e havendo ele culminado seus labores de Chefe da Contabilidade, como Diretor-Adjunto, — em conservá-lo, até agora, como integrante do Conselho de Administração. Quanto às suas ocupações anteriores na E.F.S.C., fôra outra notável conquista. Nessa ferrovia era diretor o hoje saudoso engenheiro Humberto Paranhos Pederneiras, um técnico que, em transcorridas fases, como final da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, residindo em Ponta Grossa e depois em Curitiba, prestara inestimáveis serviços ao Paraná. Conheci-o de perto e, na minha adolescência, pude capacitar-me quanto era estimado e prestigioso, bem como o era sua digníssima esposa, D. Sarita Klueppel Pederneira, pois o casal representava os fascinantes primores da perfeição moral.

Fomos acostumados, em nossa casa, a querer-bem e respeitar a ambos, que além de tudo, eram compadres de meus pais, — padrinhos do meu mano Mário, — e posso dar testemunha da austeridade, até severidade com que o Dr. Pederneiras acolhia e julgava os homens. Ocorre, que desse chefe dotado de rígidos e inabaláveis princípios, mereceu, Nestor Heusi, o raro prêmio de uma portaria especial (31.7.63), onde era exaltada “toda a enorme soma de úteis e reais serviços que à E.F.S.C. prestou, e é com profundo pesar que esta Direção vê hoje o seu afastamento desta casa, onde sempre tão bem a dignificou e onde granjeou a imorredoura estima e admiração de todos os que nela trabalham, superiores e subordinados”.

Mais esta grandiloqüente frase: “Quando procuramos na E.F.S.C., a encarnação do funcionário inteligente, de amor extremo aos serviços, leal, reto, de competência no que desta se possa exigir, de coração sempre tocado por tudo o que é bom, encontraremos, no exemplo de Nestor Seara Heusi, esse modelo”.

A opinião dos que nos visitam

Na edição de hoje vamos divulgar mais uma relação de opiniões deixada sem nosso livro de registro, pelos visitantes que estiveram percorrendo as dependências do Museu da Família Colonial, Parque Botânico, etc. . .

— Estivemos aqui em 1979 e apreciamos muito o acervo do Museu. Blumenau está de parabéns por cuidar de suas tradições e sua história. — Maria Cristina e Silvio Marcus Pomanti — São Paulo.

— Simplesmente fantástico! Qualidades inexplicáveis, excelente decoração. Ficamos deslumbrados com este Museu. — Sônia Marisa Vieira Salles e Isabel do Ivai — Paraná.

— A cada volta ao passado, sentimos o valor do presente. — Vera, Suriane Donicht e Auro — Restinga Seca.

— Maravilhoso! Continuem assim com este Museu, pois só assim poderemos apreciar as suas atinguidades. — Gisèle R. S. Corio-la — São Paulo.

— É ótimo saber que há brasileiros preservando as nossas heranças culturais. José Aurivaldo Johanessou Ramos Jr. e Jesma Layli Malkin — Bauru — São Paulo.

— Gostei de saber que em Blumenau existe o Museu da Família Colonial que preserva heranças culturais e naturais simultaneamente. — Ana Maria Moreira — Porto Alegre.

— A Família Vodopives achou este Museu muito interessante e podemos afirmar que aumentamos o nosso conhecimento a respeito da história de Blumenau, assim como do Brasil. — Denise — Niterói.

— A cultura brasileira está de parabéns com o Museu da Família Colonial de Blumenau. — Liliane e Hildete Vodjios — Niterói. RJ.

Achei o maior barato e curti muito. Não sabia que uma cidade tão pequena tivesse um Museu tão bem organizado. — Fátima P. Souza — São Paulo capital.

— Gostei do Museu em geral, particularmente dos animais do mini-zoológico e das árvores do Parque Botânico "Edith Gaertner". — Lisete Maria Zola — São Paulo, capital.

— A Família Effgen rejubila-se em constatar que ainda existe

quem preserve as coisas antigas como acontece com o Museu da Família Colonial. — Rio Grande do Sul.

— Parabéns pelo patrimônio histórico e pela beleza antiga herdada dos nossos antepassados. — A. Baracat — Bauru — SP.

— É maravilhoso poder rever os patrimônios históricos como acontece neste Museu. Viva Blumenau! H. Bacarat — Bauru — SP.

— Sensacional! Todas as cidades deveriam seguir o exemplo de Blumenau. Pobre de um povo que não reconhece e eleva sua cultura e origem. Luciano Araujo — Curitiba — PR.

— Somente um povo culto como o de Blumenau é que possui a faculdade de preservar as heranças de seus antepassados! — Eva Satele Cazela de Oliveira — Palmas — Paraná.

— Maravilhoso o Museu. Também adoramos o amor pelos animais, principalmente pelos gatos. — Margaret Hansen Costa — RGS.

— Este Museu é realmente uma das fontes de informações mais expressiva de nossa colonização. Parabéns, Blumenau — Sení Pereira, Heloisa Helena Pereira e Márcia Pereira — Rio de Janeiro.

— A floresta tropical (Parque Botânico), é uma das coisas mais autênticas que já vi. Deve ser preservada a qualquer custo! — Edonir Sacse — São Paulo.

— Este Museu dá bem o retrato de Blumenau Colonial do século passado. Parabéns! R. Katzler. — Itajubá — Minas.

— Adorei este Museu. Achei nele muitas coisas interessantes. — Rammy Katzler — Itajubá — Minas.

— Pretendo seguir a profissão de magistério e creio que este Museu será muito útil para mim. Karin Ruschel dos Santos — P. Alegre.

— Interessante a idéia que se tem da época colonial do século passado. H. Santos — Porto Alegre.

— O Museu é um marco sincero e real da nossa história, tenha ela influências estrangeiras ou não. É o Museu que dá continuidade à preservação de nossa cultura. A cultura brasileira! Marinete Jorgeane da Silva. — Limeira — S. Paulo.

— A maravilhosa cidade de Blumenau, que é uma expressão viva da integração do europeu em nosso país, merece a admiração de todos pela sua organização e pelo seu progresso. É realmente uma

terra encantadora. Merece possuir um Museu tão rico e que evoca os tempos do início e do crescimento da cidade. — Parabéns. — José Tadeu Salika — Araucária — Paraná.

— Blumenau é uma demonstração daquilo que o povo brasileiro, com o auxílio dos estrangeiros que para cá vieram, podem fazer em termos de desenvolvimento. Adoramos esta cidade magnífica que congrega tão bem o espírito brasileiro de trabalho, desempenhando com amor e carinho, com os traços dos imigrantes que aqui igualmente trouxeram o seu esforço e o seu labor. — Maria Claudete H. Salika — Araucária — Paraná.

— Este Museu é uma relíquia escondida nesta beleza de cidade que é Blumenau. Norberto e Gilda Tonietto. — Caxias do Sul — RGS.

— Este Museu é uma obra que deve ser preservada com o carinho que só as melhores culturas podem conseguir. — Tereza — Ubatuba — SP.

— Toda nostalgia de uma família de imigrantes, integrada por mulheres lindas e homens corajosos, fizeram esta Blumenau maravilhosa, cujo passado acha-se retratado neste Museu. Parabéns. — Hebbe Renní de Azevedo — Rio.

— Tanto o Museu como o Jardim Botânico estão bem conservados e mostram a cultura e tradições de um povo. Beto e Nilce — SP.

— Achei a coisa mais chata, careta e sem graça. — (assinatura ilegível, procedência também).

— Nasci aqui, fui criada aqui, e só agora que estou morando em outra cidade, depois de casada, é que em viagem turística vim saber que dentro desta casa escondida existe tanta beleza e conservação por parte do nosso povo. Parabéns aos conservadores do Museu. — Margarete e Robinson — Joinville.

— En nuestra luna de miel, hemos recorrido toda esta beleza, por el litoral atlántico de Brasil, entre toda, esta, muy hermosa Blumenau. — Cristina Peralta y Heri Herto Valtorta — Argentina.

— Encontramos um Museu muito bem organizado e conservado, com peças que tem grande valor histórico. Parabéns aos organizadores. — Miranda Roland — Catanduva — SP.

— Nesta tarde, por alguns momentos, retrocedi no tempo e viajei de volta a uma época que me parece por demais interessante. Gostei imensamente. — Léa Silva — Itajaí.

— Achei tudo muito maravilhoso. Cada vez que retornar a Blumenau, farei tudo para vir até aqui. — Laura Westernback. — Porto Alegre.

— Gostei muito, realmente muito interessante, coisas muito bonitas, tanto que gostaria de voltar mais vezes, pois estive em Blumenau pela quarta vez, não tendo tido oportunidade de ver o Museu. Adorei. Muito bem organizado, explicadinho. Valdecir Braga do Nascimento — SP.

— Achei tudo muito legal, gostei mesmo. Já é a quarta vez que venho a Blumenau e nunca tive a curiosidade de visitar o museu. E agora vim e achei tudo muito interessante, principalmente o Parque, com o Cemitério de gatos... — Valdeci Matilde Braga do Nascimento — SP.

— Vindo de São Paulo após percorrer tantas outras regiões do Sul da minha pátria, não poderia deixar Blumenau sem antes ver sua autêntica "célula-mater". Neste Museu, em que pese sua singeleza, pode-se sentir o culto ao passado que bem justifica o progresso atingido por Blumenau. Aqui podemos sentir ainda o quanto um punhado de abnegados imigrantes conseguiram realizar com seus esforços e crenças no futuro da Pátria adotada que logo depois se transformou, sem dúvida, na sua própria Pátria! — Hydoro Adalberto — Cel. da PM — RGSS.

— Congratulo-me com os mantenedores de tão rico Museu, que preserva para a posteridade lembranças e comprovações de heróis, coisas e fatos que serviram de base para que Blumenau chegasse hoje ao que já é — grande, próspera e tradicional — e chegue, de futuro, a ser ainda mais próspera e maior no porvir. — Congratulo-me comigo mesmo, por ter tido a honra de visitar este excepcional Museu — Amaury E. P. — São Paulo.

— Fiquei muito impressionado com todas estas belezas que vi aqui, neste Museu. Nunca pensei ou acreditei que alguém pudesse conservar tanta coisa do passado. — Pedro Bernardo Rochenbock. Jajeado — RGS.

— Gostei muito pela conservação e beleza, maravilha que a gente sente-se como se estivesse vivendo a época. — Elecir Raphael Filho — Curitiba.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

A CADA ESTAÇÃO, UM NOVO SUCESSO.



As malhas Hering, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão.

Afastam o tédio e a tristeza nos dias outonais.

De puro algodão com fio penteado, aquecem carinhosamente no inverno.

Como a primavera, são coloridas e alegres.

Passa o ano todo com MALHAS HERING.

Scriba

 malhas
Hering